

White Paper

A era dos serviços comercializáveis:
redefinindo o balanço de pagamentos
brasileiro

Sumário:

1. Introdução
2. Os anos 80 e 90: uma estrutura tradicional
3. A transição tecnológica e a expansão dos serviços no século XXI
4. A revolução dos serviços digitais
5. O caso brasileiro: para além dos serviços digitais – *bets, criptoativos e importações de pequeno valor*
6. Referências

1. Introdução

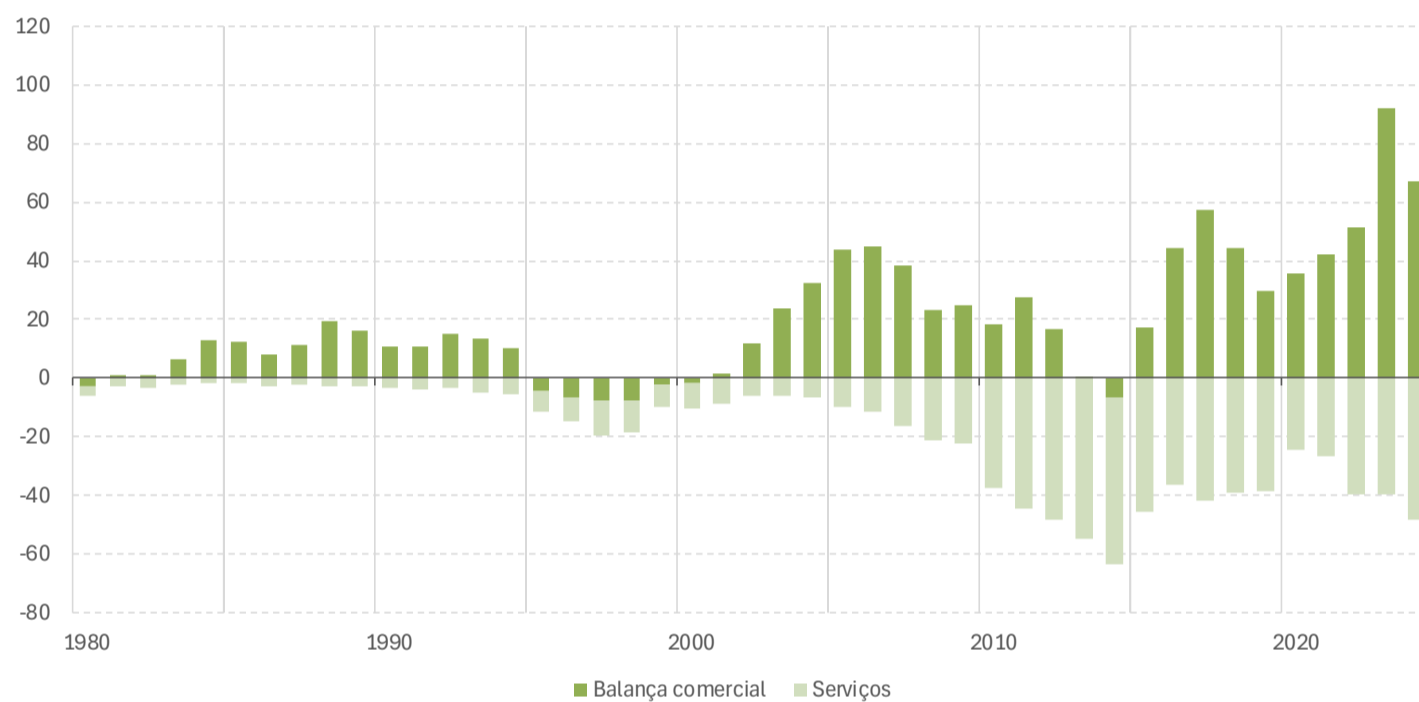
Originalmente associada a atividades ligadas ao transporte, turismo e comunicações tradicionais, a conta de serviços do balanço de pagamentos (BP) se transformou profundamente com o avanço da globalização e, mais recentemente, com a revolução digital. Desde os anos 1990, o mundo testemunhou um crescimento exponencial da conectividade, que criou mercados, redesenhou cadeias de valor e introduziu fluxos de serviços intangíveis.

Este texto explora uma parte da evolução da conta de serviços no BP. Inicialmente, revisaremos a composição tradicional da conta de serviços nos anos 1980 e 1990, com foco em seus elementos estruturais e limitações. Em seguida, discutiremos a transição para o século XXI, impulsionada por tecnologias emergentes e pela intensificação das interações globais. Por fim, analisaremos a conjuntura dos serviços digitais na atualidade, avaliando suas implicações econômicas e as perspectivas no caso brasileiro.

2. Os anos 80 e 90: uma estrutura tradicional

Nas décadas de 1980 e 1990, as contas externas de boa parte das economias eram caracterizadas por fluxos intensos de bens físicos, com os serviços desempenhando um papel secundário e essencialmente acessório. Nesse contexto, a conta de serviços no balanço de pagamentos era dominada por categorias ligadas diretamente ao comércio de mercadorias e à mobilidade de pessoas.

Gráfico 1: Balança comercial e de serviços (US\$ bilhões, Brasil, 1980-2024)



Fonte: BCB

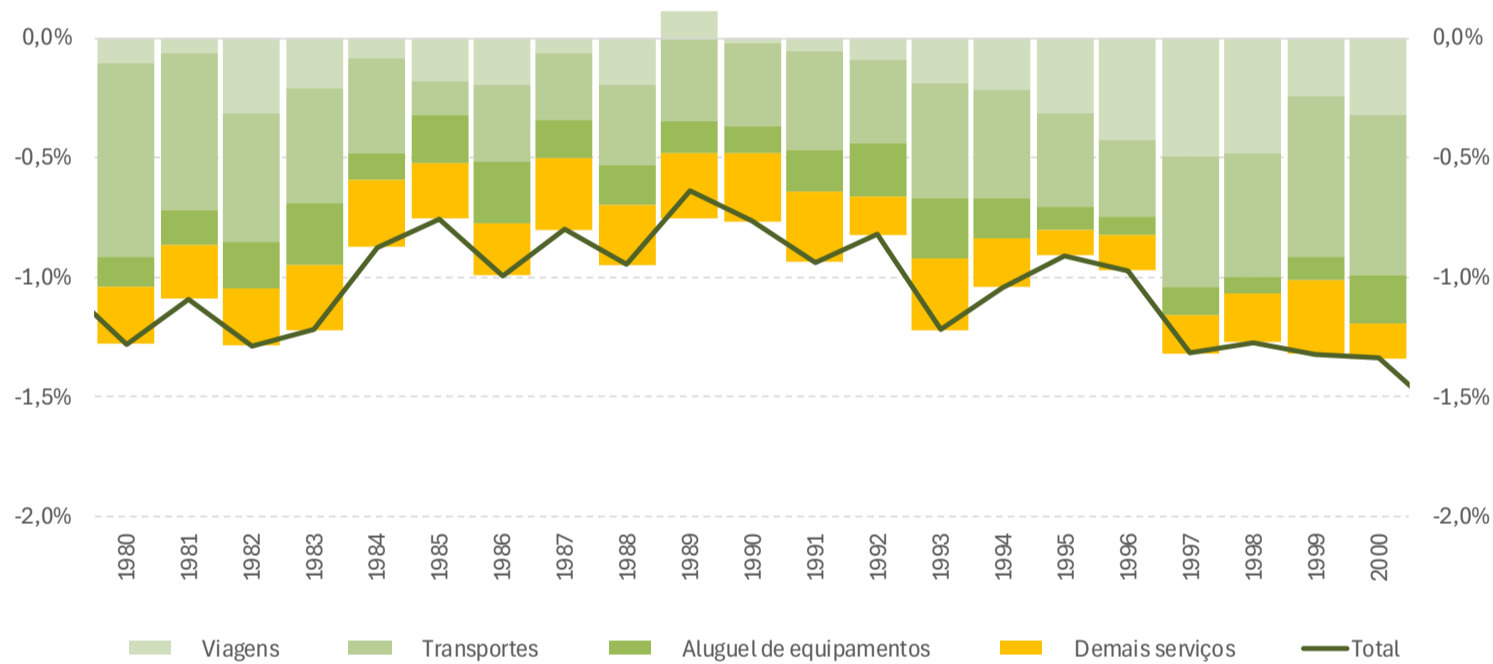
Transportes, por exemplo, constituíam uma parcela significativa da conta de serviços, especialmente em economias com fortes setores exportadores e importadores. Os fretes marítimos e aéreos eram particularmente relevantes, dada a predominância do canal de transporte internacional. A necessidade de serviços logísticos, armazenagem e seguros associados ao transporte de bens também contribuía para a relevância dessa categoria.

Outro componente importante era o **turismo**, registrado na conta sob a rubrica de "viagens". À medida que o turismo internacional crescia, países com infraestrutura turística consolidada, como França, Estados Unidos e Tailândia se beneficiavam de fluxos significativos de receitas geradas por turistas estrangeiros. Essa categoria captava desde o consumo de serviços de hospedagem e alimentação até os gastos com transporte interno e atividades de lazer.

Já os serviços financeiros e de comunicações emergiam como categorias importantes, ainda que limitadas por barreiras tecnológicas e regulatórias. O setor bancário internacional, por exemplo, oferecia serviços transfronteiriços relacionados ao financiamento do comércio, mas ainda carecia da sofisticação digital que posteriormente impulsionaria sua expansão. No campo das comunicações, empresas de telefonia começaram a explorar mercados internacionais, mas os altos custos e as restrições tecnológicas limitavam a velocidade do avanço desses serviços.

Embora relevante para o comércio internacional da época, a conta de serviços era relativamente estática em termos de diversificação. Sua dependência de interações físicas e de infraestruturas tradicionais limitava sua capacidade de crescimento e inovação, deixando-a subordinada à dinâmica do comércio de bens. No gráfico 2, mostramos que não houve mudanças significativas na composição da balança de serviços no Brasil no período mencionado.

Gráfico 2: decomposição da balança de serviços (% PIB, Brasil, 1980-2000)



Fonte: BCB

3. A transição tecnológica e a expansão dos serviços no século XXI

O início do século XXI marcou uma inflexão significativa na estrutura da conta de serviços. A globalização, combinada com avanços tecnológicos, permitiu uma expansão sem precedentes das atividades econômicas transfronteiriças, redefinindo o papel dos serviços no comércio internacional.

A rápida disseminação das redes digitais criou oportunidades para a oferta de serviços baseados em tecnologia, rompendo as barreiras físicas que anteriormente limitavam o alcance dos prestadores de serviços. A partir desse período, os serviços começaram a se diversificar de maneira acelerada, incorporando categorias que antes não eram relevantes ou sequer existiam.

Os **serviços de tecnologia da informação** despontaram como um dos segmentos mais dinâmicos. A terceirização de processos empresariais, como suporte técnico, desenvolvimento de software e gerenciamento de dados tornou-se uma prática comum, especialmente entre grandes corporações de países desenvolvidos. Economias emergentes, como Índia e Filipinas, se consolidaram como hubs globais de outsourcing, aproveitando mão-de-obra qualificada e custos competitivos.

O setor de **telecomunicações** também experimentou uma revolução. Com a desregulamentação em mercados-chave e a introdução de tecnologias móveis, as empresas de telecomunicações expandiram sua presença global, oferecendo serviços cada vez mais acessíveis. Essa expansão foi acompanhada pelo crescimento de serviços associados, como transmissão de dados e infraestrutura de rede, que se tornaram essenciais para viabilizar o comércio digital.

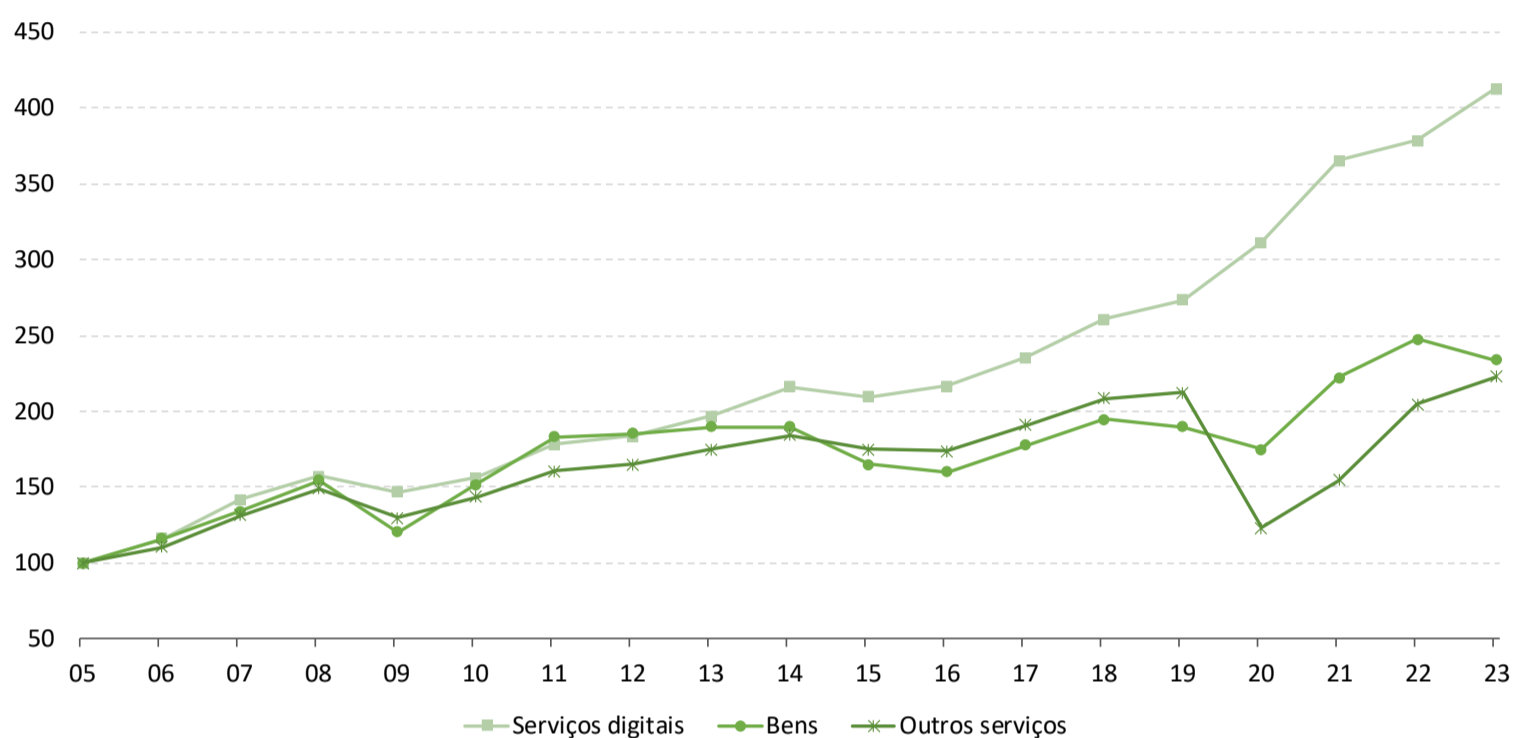
Simultaneamente, o crescimento do mercado de **licenciamento e royalties** passou a refletir a importância crescente da propriedade intelectual no comércio global. Empresas multinacionais começaram a gerar receitas significativas por meio da comercialização de patentes, direitos autorais e tecnologias licenciadas, muitas vezes vinculadas a bens digitais ou híbridos.

Paralelamente, vimos a intensificação da **integração financeira** global. Bancos e instituições financeiras expandiram seus serviços transnacionais, aproveitando as inovações tecnológicas para oferecer soluções sofisticadas de gestão de ativos, financiamento e seguros.

4. A revolução dos serviços digitais

Nas últimas duas décadas, os serviços digitais consolidaram sua posição como o motor do crescimento do comércio de serviços, transformando radicalmente a composição desta conta no balanço de pagamentos.

Gráfico 3: Exportação global de serviços digitais (2005=100)



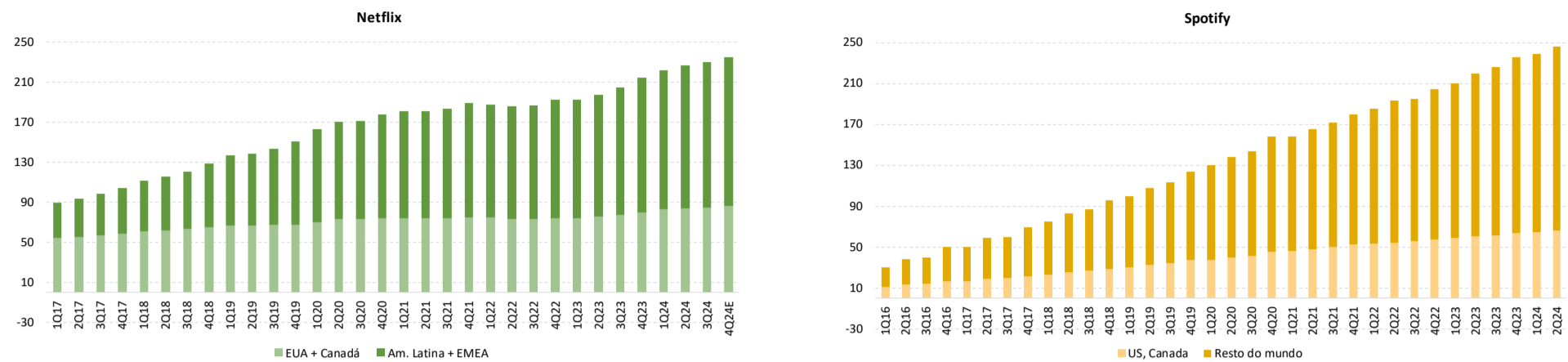
Fonte: Banco Mundial¹

Essa transformação foi catalisada por avanços disruptivos em tecnologia, pela adoção generalizada de dispositivos móveis e pela ampliação do acesso à internet em economias emergentes. O mundo ganhou cerca de 1,5 bilhão de novos usuários de internet entre os anos 2018 e 2022, atingindo cerca de 70% da população global. A pandemia da Covid-19 acelerou esse crescimento, em especial em países de renda média.

Ao mesmo tempo em que a crise sanitária e seu isolamento social direcionou os negócios para as plataformas online, grandes empresas lideraram o movimento de soluções digitais. De 2020 a 2022, a porcentagem de empresas com mais de 100 funcionários investindo em soluções digitais saltou de 20% para 60%. Por sua vez, o emprego em serviços de TI mais que quadruplicou em termos globais, saltando de 8 para 32 milhões nesse período.

Os serviços de streaming, por exemplo, tornaram-se uma das principais categorias de exportação de serviços culturais. Plataformas como Netflix, Spotify e Amazon Prime Video oferecem conteúdo on-demand a consumidores em todos os continentes, gerando receitas substanciais e criando um mercado global para esses produtos. O número de usuários de Netflix saltou de 80 para 220 milhões em pouco mais de sete anos. No Spotify, o avanço no mesmo período foi de 30 para 250 milhões.

Gráfico 4: Evolução global de usuários da Netflix e Spotify (milhões)



Fonte: Netflix e Spotify

Outro setor de destaque é o da computação em nuvem, que se tornou indispensável para empresas de todos os portes. Provedores como Amazon Web Services, Microsoft Azure e Google Cloud dominam o mercado, oferecendo desde armazenamento de dados até serviços avançados de inteligência artificial.

O componente de serviços associado aos bens importados é muito maior hoje do que no passado. A título de exemplo, ao se comprar um celular no Brasil, além do consumo físico do aparelho, em geral há também a compra ou assinatura de outros itens associados, como (i) armazenamento dos dados na nuvem (iCloud, Google One); (ii) aplicativos de streaming (Netflix, Max, Disney+, PrimeVideo), (iii) jogos (Minecraft, NBA, Fortune Tiger); (iv) aplicativos diversos, desde perda de peso, monitoramento do sono, etc. Isso sem contar as redes sociais.

Há ainda as plataformas de consumo digital, como Aliexpress, Temu, Shopee, Uber, 99, Uber, Alibaba, eBay. Esses aplicativos transformaram a maneira como bens e serviços são comercializados, funcionando como intermediárias entre consumidores e produtores, cobrando comissões e gerando fluxos de receita que muitas vezes desafiam os métodos tradicionais de contabilização no balanço de pagamentos.

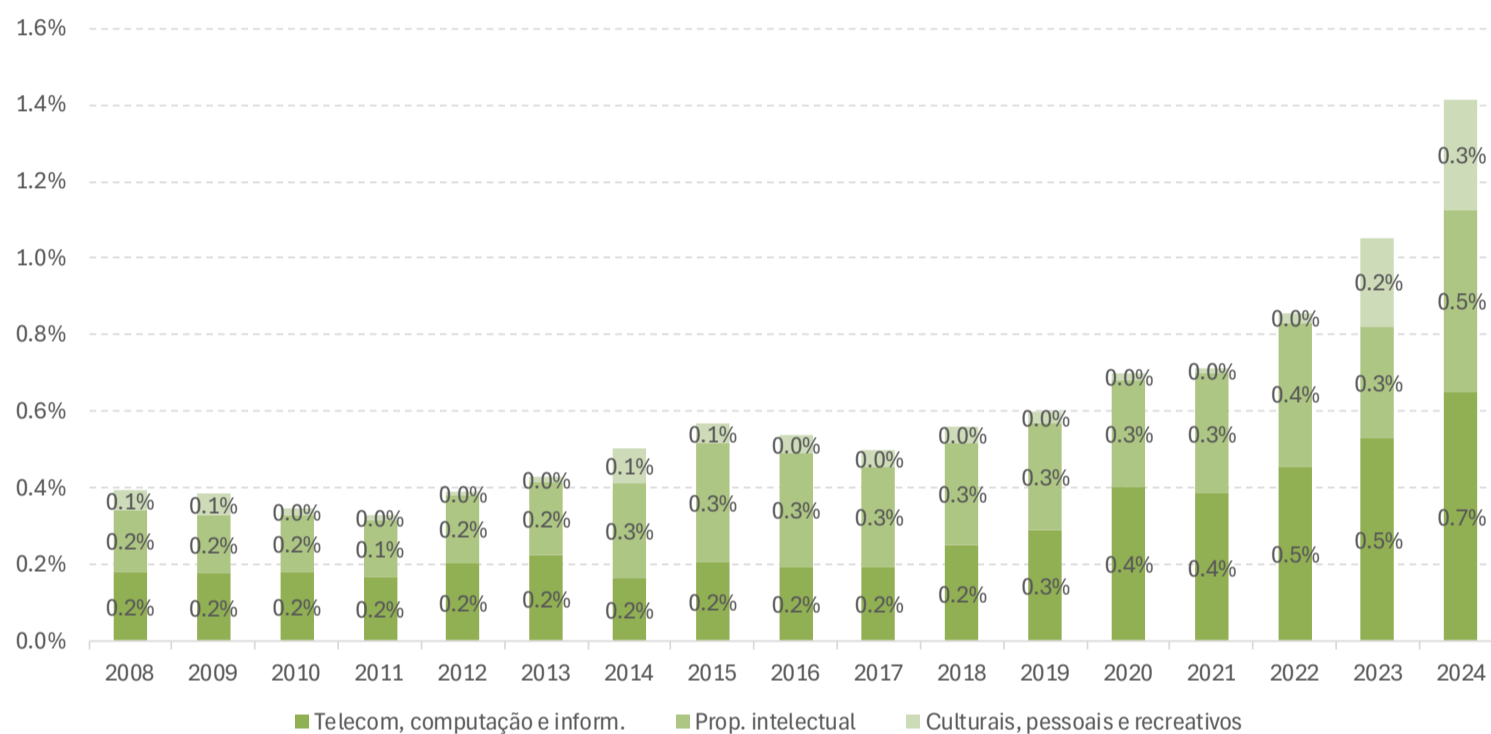
Ainda mais na fronteira, encontramos os serviços de inteligência artificial, como ChatGPT, Gemini, Copilot, que ganham usuários de maneira muito acelerada, à medida em que as empresas procuram otimizar processos e reduzir custos com mão-de-obra.

Em resumo, vimos nos últimos 30-40 anos uma verdadeira revolução do setor de serviços no balanço de pagamentos, com a ascensão de categorias ligadas à economia digital e altamente escaláveis.

5. O caso brasileiro: para além dos serviços digitais – *bets, criptoativos* e importações de pequeno valor

O caso brasileiro chama a atenção porque não se trata de uma deterioração do balanço de pagamentos exclusivamente por conta dos serviços digitais. Na verdade, o que assistimos nos últimos anos foi uma ampliação da cesta de consumo disponível, com o aumento de produtos e serviços ofertados devido ao processo de digitalização da economia, mas não somente. No caso específico de nossa balança de serviços digitais², esta passou de um déficit de 0,6% do PIB antes da pandemia para 1,3% em 2024, um aumento que nos parece estrutural.

Gráfico 5: importação de serviços digitais (% PIB)

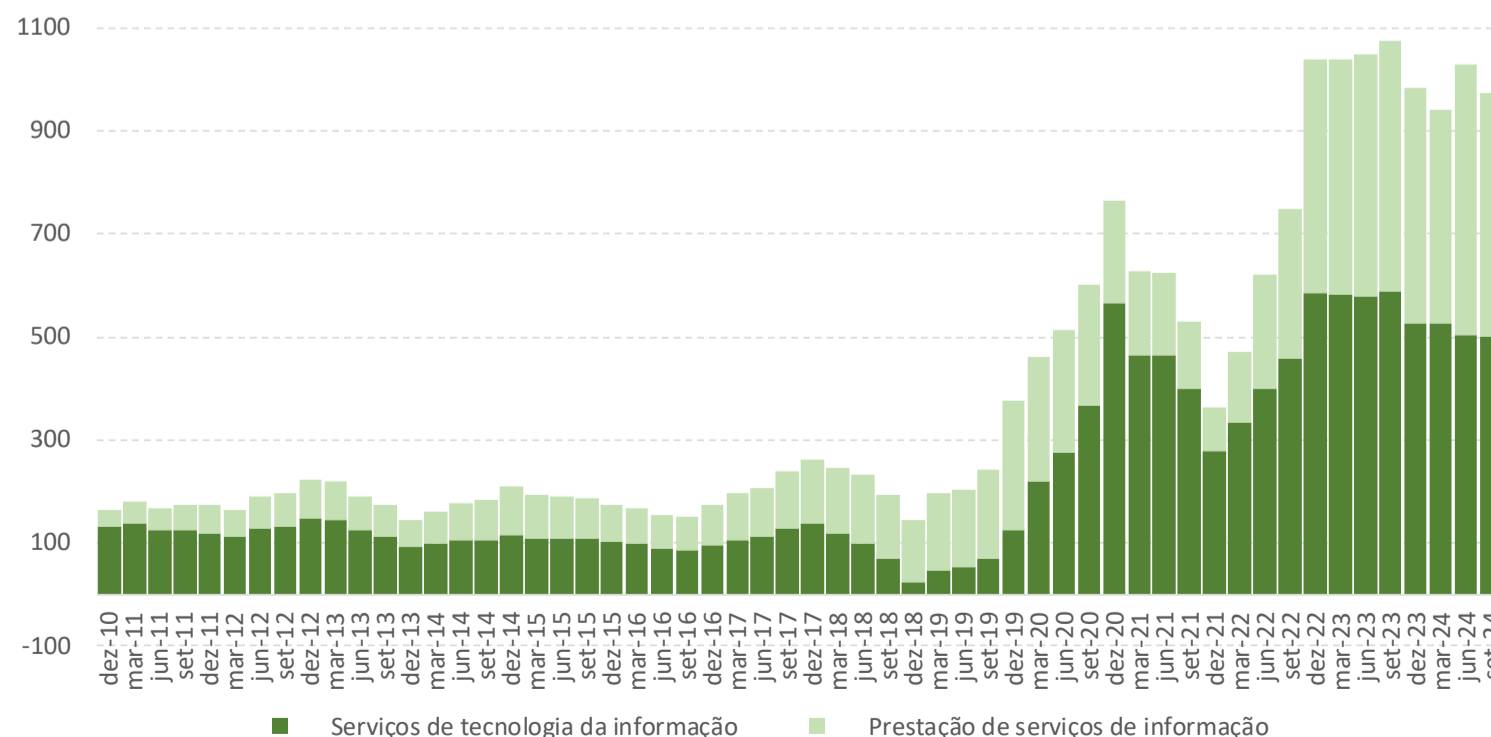


Fonte: BCB

Há ainda a possibilidade de que essa conta esteja subestimada, pois o consumo dos serviços digitais poderia aparecer em outras linhas do BP, como a de lucros e dividendos, com as empresas fornecedoras desses serviços remetendo seus lucros (receitas) para as matrizes. E há, de fato, um aumento substancial das remessas nos últimos anos, que passaram de algo como US\$ 200 milhões para US\$ 1 bilhão por trimestre, como pode ser visto no gráfico 6.

Gráfico 6: remessa de Lucros e Dividendos (US\$ bilhões)

Serviços de tecnologia da informação, prestação de serviços de informação



Fonte: BCB

Não há dúvidas que a restrição de mobilidade levou a um aumento do consumo desses serviços digitais. Mas, para além da mudança de preferências ou aceleração da digitalização das empresas por conta do isolamento social, tivemos também alguns avanços regulatórios que cristalizaram (ou potencializaram) o crescimento dessas importações no BP brasileiro.

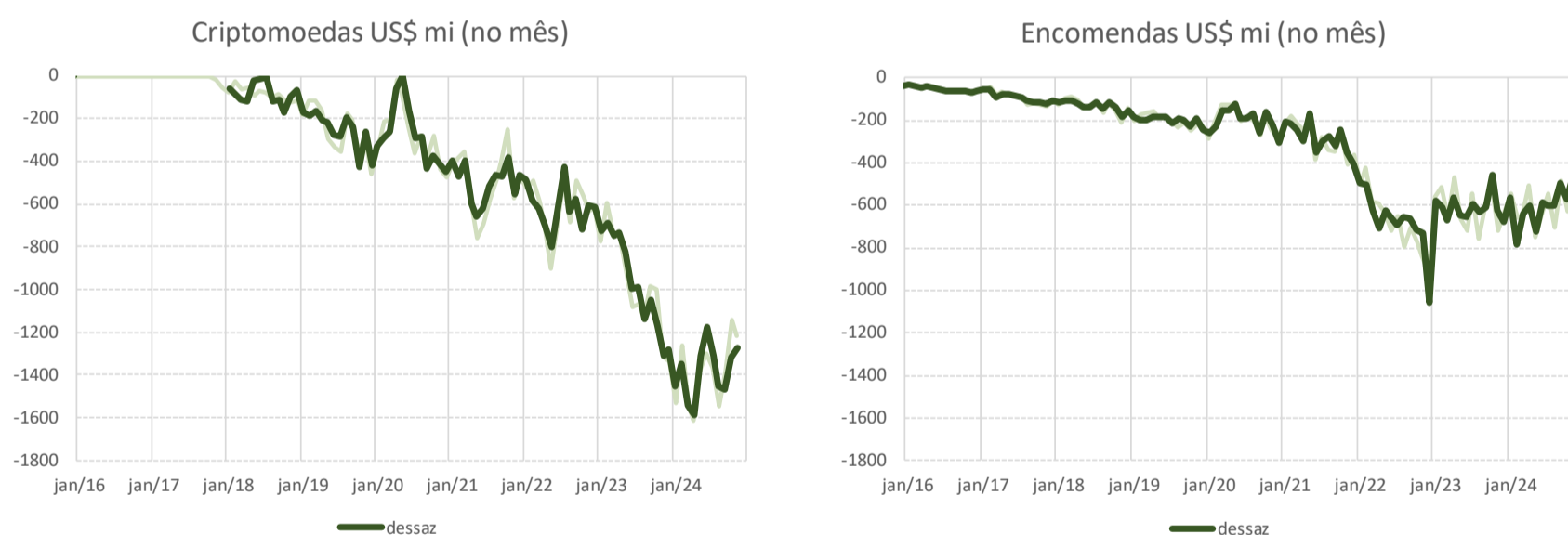
Vimos, por exemplo, a regulamentação das apostas on-line, cuja magnitude surpreendeu³ os analistas. Também presenciamos a massificação e posterior regularização da importação dos bens de pequeno valor, em especial de varejistas chinesas. Isso demonstra, de fato, uma efetiva ampliação da cesta de consumo de bens e serviços importados.

Esse movimento das encomendas de pequeno valor foi relevante o suficiente para gerar reclamações por parte de grandes empresas nacionais a respeito da tributação desses bens. O debate público se mostrou bastante desafiador⁴.

Outra conta que mostrou piora importante foi a de compra de criptoativos. Curiosamente, parte majoritária⁵ dessas compras se dá através de *stablecoins*, o que sugere que refletem mais um fluxo associado à importação (com a moeda sendo utilizada como meio de pagamento) do que a um investimento em criptoativos propriamente dito.

Se somarmos as encomendas de pequeno valor e compra de criptoativos, temos um aumento de consumo da ordem de 1,1% do PIB nos últimos anos.

Gráfico 7: saldo de criptoativos e encomendas de pequeno valor



Fonte: BCB

Essa ampliação do acesso a bens e serviços importados é um fenômeno relativamente recente e parece ter uma característica mais estrutural do que cíclica, quando olhamos os dados. Para testar essa hipótese, rodamos uma gama de modelos VAR em que procuramos explicar a variação do consumo de um núcleo⁶ de serviços no BP pelos fundamentos econômicos (demanda doméstica, câmbio real, taxa de juros, crescimento global, entre outras condicionantes).

Deixamos as projeções do modelo soltas a partir de 2022, período em que consideramos que boa parte da reabertura econômica já estava concluída e que o ponto de partida das simulações não afetaria nossas simulações. O resultado encontrado é uma importação efetiva razoavelmente acima da projetada (cerca de 0,5% do PIB), sendo um indicativo de que pode haver outros fatores, potencialmente estruturais, nesse aumento do déficit da conta de serviços dos últimos anos.

Gráfico 8: déficit efetivo e projetado do núcleo da balança de serviços (% PIB)

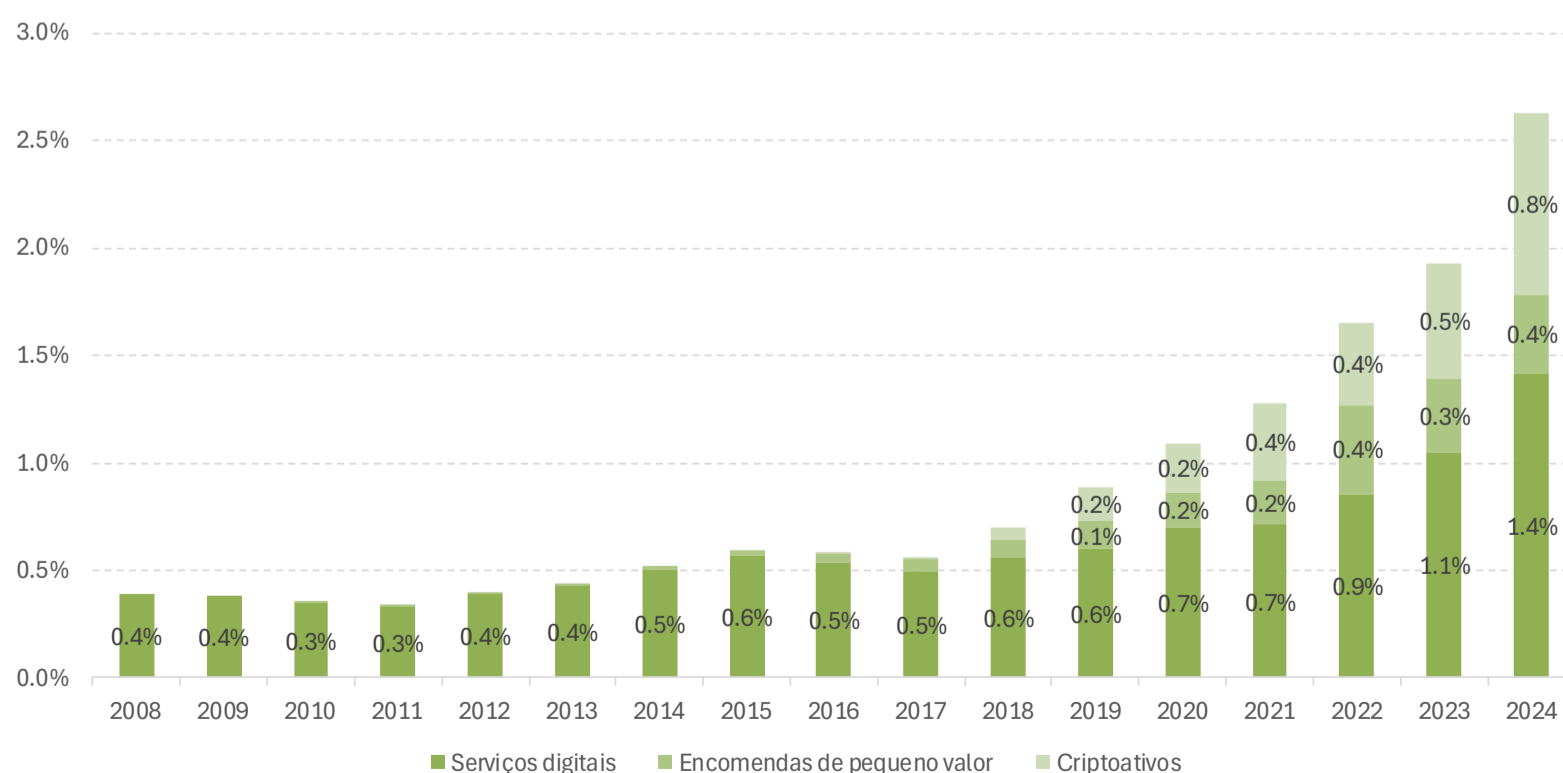


Fonte: BCB

A amostra ainda é muito curta para testar se há diferença estatisticamente significativa entre a sensibilidade dessa cesta nova e a tradicional ao ciclo econômico. Mas nos parece intuitivo que a nova cesta apresente sensibilidade menor nos próximos anos, à medida em que esses bens e serviços se popularizem na cesta de consumo da população.

Também é importante lembrar que esse gap diz respeito apenas ao núcleo da balança de serviços, portanto não abrange toda a deterioração do balanço de pagamentos dos últimos anos. Para estimar essa variação recorreremos a duas abordagens. Na primeira, calculamos a variação, entre 2019 e 2024, do saldo de (a) criptoativos, (b) encomendas de pequeno valor e (c) serviços digitais. Chegamos em algo como 1,7%, ilustrado no gráfico 9.

Gráfico 9: importações selecionadas (% PIB)



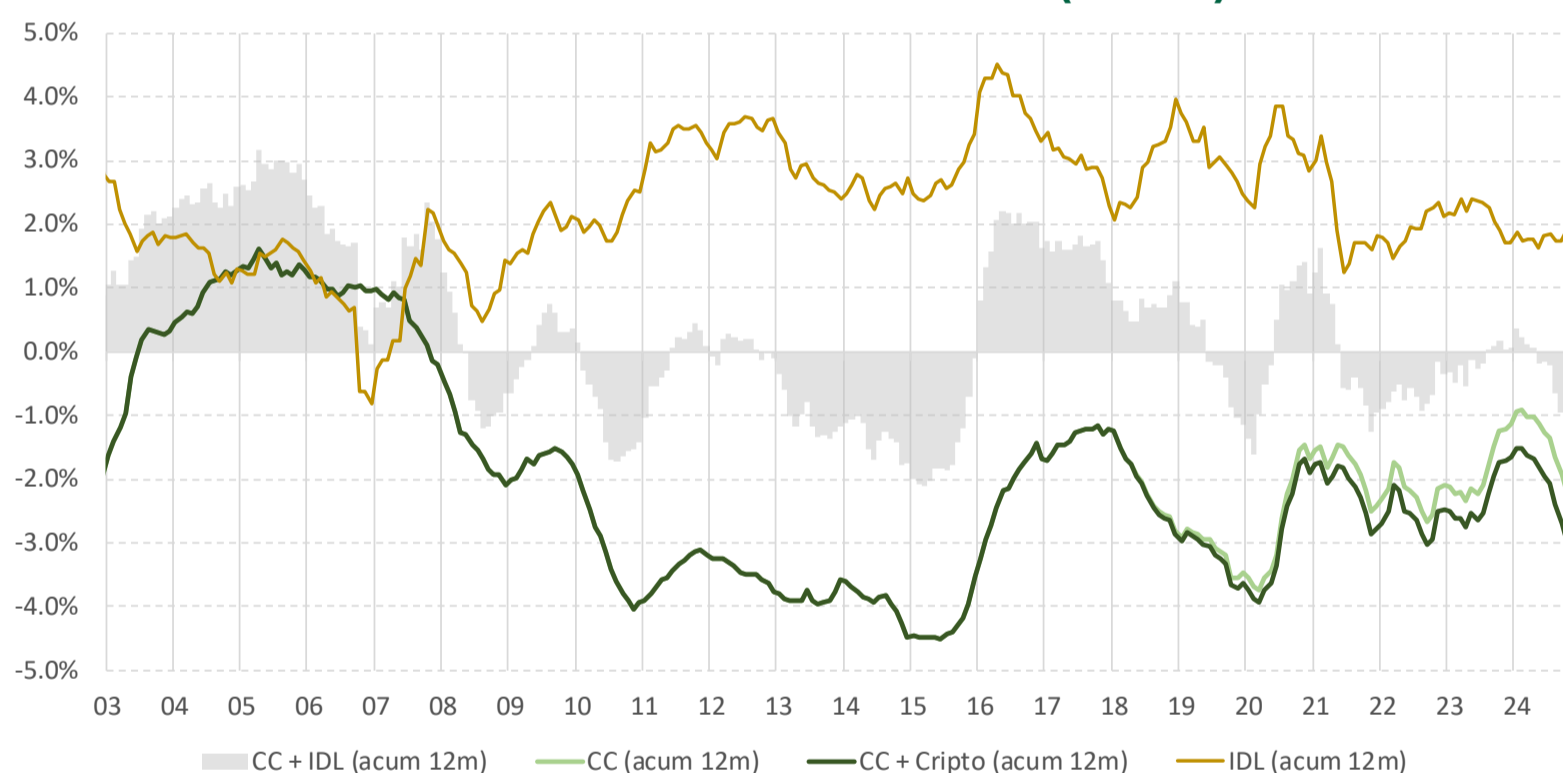
Fonte: BCB

Na segunda abordagem, substituímos a variação da importação de serviços digitais pela parcela não explicada do núcleo da balança de serviços. Nesse caso, a variação estimada seria mais próxima de 1,4%. Contudo, em ambas as abordagens seria razoável acrescentar o aumento da remessa de lucros e dividendos do setor de tecnologia nos últimos anos, de cerca de 0,2% do PIB (gráfico 6).

Ou seja, os resultados desses exercícios variam entre 1,6% e 2,1% do PIB em saída adicional, o que sem dúvida representa uma dificuldade relevante no equilíbrio de fluxos de entrada de divisas. Para efeito de comparação, exercícios econométricos sugerem que seria necessário um câmbio real 10% mais depreciado para diminuir o déficit em conta corrente em apenas 0,5% do PIB.

Como consequência, uma piora de humor externo que gere escassez no fluxo de divisas e exija um ajuste maior do balanço de pagamentos poderia se traduzir num real ainda mais depreciado do que o atual. Nosso déficit recente, de cerca de 3,5% do PIB (incluindo criptoativos), é bastante negativo em termos históricos, ainda mais se considerarmos a diminuição do investimento estrangeiro líquido (IDL) nos últimos anos, como pode ser visto no gráfico 10.

Gráfico 10: déficit em conta corrente e IDL (% PIB)



Fonte: BCB

Em conclusão, o balanço de pagamentos brasileiro passou por uma transformação importante nos últimos anos. O maior acesso à cesta de consumo importada de serviços digitais, a facilitação das importações de bens de pequeno valor e os menores custos de transação à compra de criptoativos. O somatório desses fatores se traduz em um déficit estruturalmente mais elevado.

Além dos fluxos de saída abordados, também vimos a facilitação de investimentos brasileiros no exterior, seja pelo barateamento da abertura e manutenção de contas lá fora, como pelo maior acesso a produtos de renda fixa e variável a preços e retornos atraentes. Nos últimos dois anos, essa conta mostrou deterioração da ordem de 0,5% do PIB. Esse tema merece estudo adicional, além do escopo dessa publicação, mas também é um fator de pressão estrutural no balanço de pagamentos.

6. Referências e notas

1. Banco Mundial: Digital Progress and Trends Report 2023. <https://www.worldbank.org/en/publication/digital-progress-and-trends-report>
2. Serviços de telecomunicações, computação, informática, propriedade intelectual, culturais, pessoas e recreativas.
3. https://www.bcb.gov.br/conteudo/relatorioinflacao/EstudosEspeciais/EE119_Analise_tecnica_sobre_o_mercado_de_apostas_online_no_Brasil_e_o_perfil_dos_apostadores.pdf
4. <https://oglobo.globo.com/economia/negocios/noticia/2024/06/03/taxa-da-blusinha-senado-vota-nesta-semana-projeto-que-inclui-imposto-de-20percent-sobre-importados-de-ate-us-50.ghtml>
5. <https://www.gov.br/receitafederal/pt-br/assuntos/noticias/2024/outubro/receita-federal-retoma-o-servico-de-divulgacao-de-dados-abertos-sobre-operacoes-com-criptoativos>
6. Serviços exceto aluguel de equipamentos.



GENOA
CAPITAL

 [genoacapital](#)

 [Genoa Capital](#)

genoacapital.com.br